

O ESPAÇO E A EXPRESSÃO LINGUÍSTICA

Sylvia Jorge de Almeida MARTINS*

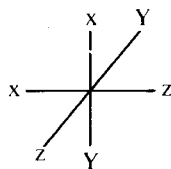
RESUMO: Retomando esclarecimentos de Herbert Clark a respeito da percepção que tem o homem do espaço em que se insere no mundo e tentando correlacionar essa percepção com a sua manifestação lingüística, este estudo analisa, em certas expressões, especialmente naquelas que denotam a localização do homem enquanto ser social, a maneira como se realiza, na língua portuguesa, a percepção desse espaço.

UNITERMOS: Espaço; percepção; homem-ser social; manifestação lingüística do espaço social.

INTRODUÇÃO

A PERCEPÇÃO DO ESPAÇO PELO HOMEM

Para Herbert Clark (2, p. 27-64), um físico ou geômetra responderiam, a quem lhes perguntasse, que localizar um objeto no espaço é descrever a sua posição em relação a outros objetos. Sua localização poderia ser demonstrada em espaço tridimensional, segundo o sistema de coordenadas cartesianas, de eixos x, y, z, que tornam as distâncias mais fáceis de definir e posteriormente de empregar. O gráfico que segue ilustra esse esquema:



Cada eixo estabelece que, em uma direção, a partir de um ponto de referência neutro (zero), o valor positivo fica na direção oposta ao valor negativo. Posto isso, a localização unidimensional é melhor definida através de uma distância direcionada a partir de um ponto zero de referência; em duas ou três dimensões esse tipo de especificação se generaliza de modo mais conveniente. Para bidimensionais empregam-se os eixos x e y; para tridimensionais, inclui-se o eixo z (perspectiva, profundidade). Para representar tais posições empregam-se planos de referência que são combinações entre os eixos: plano x-y; plano x-z; plano y-z:

x — y x — z y — z

* Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas — Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas — UNESP — 15100 — São José do Rio Preto, SP.

As noções mais elementares de física na especificação da localização consistem em: 1.º) pontos, linhas e planos de referência; 2.º) direções de referência.

Pela geometria simples, os pontos, linhas e planos de referência definem as direções de referência. Uma direção perpendicular a um certo plano adquire valor positivo em um dos lados e negativo em seu outro lado. Esses conhecimentos sobre pontos, linhas e planos são básicos para a conceituação da noção de espaço do homem.

Para fundamentarmos esses planos, tomemos a Clark as considerações feitas, no artigo citado, sobre a gravidade da terra e o nível do solo, representando primeiramente como planos verticais x-y e y-z e, em seguida, como plano horizontal, o plano x-z. O plano horizontal — nível do solo separa os objetos que lhe estão acima e abaixo. Para Clark, é arbitrária a valorização positiva da direção para cima ou para baixo, uma vez que a gravidade puxa os objetos para baixo, e não em sentido contrário; porém argumenta que biologicamente a parte de cima é considerada positiva e a de baixo, negativa. Positiva, porque os objetos que se situam em cima da terra são perceptíveis aos órgãos dos sentidos, e os que se situam em baixo, não.

Quanto aos planos verticais, quando um biólogo considera o homem, ele nota que o corpo tem simetria bilateral: órgãos e membros se distribuem à direita e à esquerda de um eixo vertical imaginário que passa pelo centro do corpo. Esta relação direita/esquerda de um dos planos verticais é a única relação simétrica no homem. Convém observar que, embora biologicamente não se valorize o lado direito nem o esquerdo como positivo ou negativo, uma vez que são simétricos, culturalmente se atribui valor positivo ao lado direito. Já no brinquedo infantil — o “passará” — que agrupa os bons no “céu” e os maus no “inferno”, o “céu”, de valor positivo, fica à direita, e o “inferno”, de valor negativo, fica à esquerda.

Um outro plano vertical no homem é definido pela relação assimétrica frente/trás, indicada pela posição dos órgãos dos sentidos da visão, da audição, olfato, que se projetam para a frente e não para trás. Este fator da percepção também sugere como atribuir valores positivo e negativo às direções, a partir dos dois planos de assimetria. Já que o que está à frente é visto, e o que está atrás não o é, atribui-se valor positivo ao primeiro e negativo ao segundo, assim como se faz com a direção para cima, positiva, e para baixo, negativa.

Uma outra característica importante do homem é o fato de ser bípede (mantendo-se normalmente em posição ereta para ver, ouvir, conversar e andar). Esta posição é denominada canônica ou padrão. Neste caso, o vertical biológico coincide com o vertical geológico, e os dois planos verticais biológicos se fundem em um único vertical geológico. O último fator biológico a ser discutido, e este, para nós, ganha aqui predominância, é que caracteristicamente o homem se move em direção à frente, isto é, ele caminha para a direção que encara e não para trás, ou para o lado. Assim, a direção para a frente terá valor positivo; a direção para trás, valor negativo, já que o movimento é normal na direção para a frente e anormal para trás.

Esquemáticamente temos que os planos biológicos do homem são:

PLANO	DIREÇÃO
vertical 1:	(para a) frente/ (para) trás
vertical 2:	(para a) direita/ (para a) esquerda
horizontal:	(para) cima / (para) baixo

Levando-se em conta o ponto de vista psico-sociológico, o homem é um animal social que não só desfruta da interação social com outras pessoas como por certo até necessita dela. Quando duas ou mais pessoas se encontram para conversar, ambas se posicionam normalmente uma de frente para a outra. Assim, na descrição que um ser faz de outro, a posição tomada como ótima é a que o põe de frente para ele (1).

LOCALIZAÇÃO DO HOMEM NO ESPAÇO SOCIAL

Opondo sociedade urbana a comunidade rural, em que a primeira está para a segunda assim como a cidade está para o campo (sociedade urbana: comunidade rural: cidade: campo), enquanto elemento da sociedade urbana, o homem tem como espaço de localização a cidade.

A descrição da cidade como um todo faz-se aqui necessária para maiores esclarecimentos. Percebemo-la constituída de blocos, espaços limitados e privativos, e de ruas, espaços contínuos e públicos. As praças, por sua vez, se definem como espaços complexos: situadas nos blocos, e não nas ruas, caracterizam-se, no entanto, pelo aspecto público de que se revestem.

Já nas comunidades rurais não se distinguem blocos, ruas, praças. A separar o campo (propriedade privada) da estrada (via pública), temos apenas os barrancos.

Nos blocos ficam os prédios — espaços privados de diversas ordens: familiares, comerciais, institucionais (educacionais, instrutivos, recreativos e religiosos) e assistenciais (sociais e de saúde). Os prédios constituem-se internamente de espaços mais ou menos privados. Se alguns têm aposentos sociais, como as salas-de-visita nas residências familiares e as salas-de-espera ou de atendimento nos edifícios públicos, apresentam também outros mais reservados e íntimos, como salas específicas para este ou aquele fim, dormitórios, banheiro, cozinha... E o acesso que o homem tem a este ou aquele cômodo, tanto num prédio familiar quanto num prédio público, é regulamentado por códigos sociais de hierarquia e de ética que demonstram a sua noção com respeito ao caráter privado ou coletivo dos espaços que ocupa.

Nas ruas, espaços livres, contínuos, não restritos, não privados, e por isso a-sociais, por vezes até anti-sociais, distinguem-se faixas amplas, para a circulação constante de veículos, e faixas mais restritas, para a travessia ocasional de pedestres. Por sua vez, os veículos que transitam nesse espaço livre das ruas ora se caracterizam como espaços privados (particulares), ora como coletivos (públicos).

A calçada, por situar-se numa posição intermediária entre a rua e os blocos, e em nível superior ao da rua, define-se como um espaço semi-coletivo e semi-privado. Na calçada, por exemplo, os abrigos representam espaços privados, como o espaço encoberto por um guarda-chuva representa, para o seu possuidor, um espaço particular.

Dada a sua localização entre os blocos e a rua, a calçada ganha um duplo significado: o seu lado voltado para dentro, para os blocos, reveste-se de um aspecto positivo, de resguardo e proteção, enquanto que o lado voltado para fora, para a rua, reveste-se de um aspecto negativo, sujeito ao contato com todo e qualquer nível social, até mesmo a-social ou anti-social, e, pois, perigoso, arriscado. Isso é facilmente perceptível no valor alcançado por certos comportamentos sociais: quando acompanha uma mulher, se quer demonstrar consideração por ela, o homem volta-a para o lado de dentro; se não, permite que ela siga voltada para o lado de fora. Já os mais jovens, em sinal de respeito, permitem aos mais velhos passagem pelo lado que se volta para os prédios.

Também quem caminha pela calçada coloca-se num nível superior e mais seguro do

que quem caminha pelas ruas. A sarjeta, por sua vez, vai representar o espaço limítrofe entre a calçada e a rua.

Essas noções todas vão se refletir na linguagem, como passaremos a analisar.

O ESPAÇO E ALGUMAS DAS SUAS MANIFESTAÇÕES EM EXPRESSÕES DA LÍNGUA PORTUGUESA

A percepção do espaço pelo homem reflete-se nas suas expressões lingüísticas de cada dia. Assim observamos que, dando valor positivo ao que está acima do nível elementar do solo e valor negativo ao que está abaixo desse nível, o falante da língua portuguesa usa, em sentido figurado, expressões como estar ou ficar por cima, estar ou ficar por baixo, ir abaixo, ir por água abaixo... Expliquemo-las. *Estar por cima* — em sentido denotado, esta expressão significa o fato de encontrar-se um ser sobre outro, como em: A capa *estava por cima* do piano. Em sentido conotado, *por cima* reflete a superioridade moral da posição. Ex.: Neste campeonato, é o Corinthians que está *por cima*. O mesmo vai ocorrer com *ficar por cima*, expressão que tem possibilidade de emprego em nível referencial ou figurado. No primeiro serve de exemplo a frase: O cocorinado *fica por cima* do bolo. No segundo: O seu time *ficou por cima* este ano. Por cima implica aqui superioridade de competência esportiva. *Estar por baixo* — como nos casos anteriores, tanto podemos usar *estar por baixo* em nível denotado, quanto em nível conotado. No primeiro caso um exemplo poderia ser: A mala *estava por baixo* do banco, na rodoviária — querendo dizer que a mala estava, em posição espacial, abaixo da posição do assento do banco. No segundo caso: a sua turma desta vez *está por baixo* — temos a indicação de uma posição inferior, do ponto de vista moral ou social. Com *ficar por baixo* podemos exprimir posição espacial inferior ao nível elementar do solo, como no exemplo: na confusão, o carregador *ficou por baixo* das malas. Em sentido figurado essa expressão significa “quedar em situação social ou moral de inferioridade, deixar-se abater”. Serve de exemplo a este último sentido a frase: Na concorrência, a Firma X *fica por baixo*.

Nas expressões analisadas, o nível de superioridade — inferioridade carrega, respectivamente, seu valor positivo — negativo.

Ir abaixo — no seu sentido próprio, esta expressão geralmente é usada com um substantivo de permeio, como: “ir escada abaixo”, “ir morro abaixo”, o que significa respectivamente “rolar pela escada em direção ao chão”, “rolar ou seguir morro em direção ao solo”. Em sentido figurado passa a significar “perder o valor”, “deixar de vigorar”, como em: Essa lei já *foi abaixo* (= perdeu o valor, deixou de vigorar). Se no primeiro sentido “abaixo” denota movimento em direção ao solo, pela força da gravidade, no segundo conota queda moral ou social, rebaixamento, consideração inferiorizada. *Ir por água abaixo* — em seu sentido próprio, a expressão significa “rolar pela correnteza da água que de nível mais alto se precipita a nível mais baixo”. Ex.: O barquinho de papel *foi por água abaixo*. Em sentido figurado, *ir por água abaixo* significa “arruinar-se”, como em: A Firma X, com as especulações que fez, *foi por água abaixo* — isto é, arruinou-se. Se o nível superior tem um valor positivo, o inferior ganha aqui, com o seu valor negativo, um sentido de diminuição social.

Também, entendendo como positiva a direção para a frente e negativa a direção para trás, utiliza o homem, em nível conotado, as expressões: *ser pra frente*, *mandar pra frente* *ser pra trás*, *ser pra lá de*, *ir longe*... Vejamos:

Ser pra frente — como o homem caminha naturalmente para a frente, a expressão *ser pra frente* ganha o sentido de “definir-se positivamente como avançado, moderno, atualizado”, como no exemplo: Os pais de hoje têm de *ser pra frente*.

Interessante é notar que a expressão “pra frente” vem registrada no *Dicionário de Gíria Brasileira* (3, p. 164), como: “prato feito”. O exemplo é: “Manda um prafrente, com urgência. Senão eu desmaio agora mesmo.

O garção não entendeu:

— Que *prafrente* é esse, meu moço?

— Ora meu chapa, é o prato feito!”

(*O Jornal*, Rio, 5/02/70, p. 1, 2.º cad.).

Talvez esse significado se adapte às circunstâncias da agitação da vida atual: tem-se sempre tanta pressa na caminhada que o “prato feito” nos restaurantes populares seria algo avançado, “pra frente”, que permite seguir logo, prosseguir rápido na marcha do dia-a-dia.

Mandar pra frente — esta expressão, constituída agora com um verbo de movimento, em sentido referencial significa “ordenar a alguém que se dirija à frente”, como em: Os soldados foram mandados *pra frente* do pelotão. Em sentido figurado, a expressão ganha o significado de “roubar”, como podemos ver no dicionário de gíria já citado: “... Os puxadores de carangos mandaram *pra frente* o Aero Willys do Felinto Meireles das Chagas”... (Alf. Degani, *Última Hora*, São Paulo, 21/01/70, p. 15). Talvez a ligação entre um sentido e outro esteja na direção que assume o que é afastado de um certo ponto, desligando-se dele pela distância.

Ser pra trás — em oposição a *ser pra frente*, a expressão *ser pra trás* implica definir-se alguém como “atrasado em relação aos avanços da ciência e do comportamento social”. Serve de exemplo a frase: O Jorge? Não conte com ele para esta situação: aquele sujeito é *pra trás*, está ainda num outro século!

Ser pra lá de — também esta expressão tem um sentido metafórico, na definição de alguém como portador de certa qualidade em intensificado grau. Um exemplo disso pode ser: José é *pra lá de bom*. O “pra lá de” indica movimento em direção à frente, ao além, ao que vem depois de um determinado ponto de referência, ao que ultrapassa esse ponto. Por isso talvez *ser pra lá de* significa ultrapassar certos limites, certos pontos de referência.

Ir longe — esta expressão tanto pode ser usada denotativamente quanto conotativamente. No primeiro aspecto significa “caminhar para um local afastado de um certo ponto de referência, como em: O navio já *ia longe* do porto. No segundo significa “fazer progressos”, como em: Este aluno *vai longe* nos estudos...”

Ao que não está à frente e é posto de um de seus lados, em relação à posição dianteira, o homem desvaloriza, como podemos ver pelas expressões: *mandar pra longe*, *sair pela tangente*.

Mandar pra lateral — esta expressão, usada em sentido denotado, significa “ordenar a alguém que se dirija para um ponto ou uma direção lateral, em relação a um centro”. Assim, pode-se dizer: O técnico *mandou* o centroavante *pra lateral*. Em sentido conotado, porém, significa “marginalizar alguém”, ou “fugir de certo assunto, desconversando dele”. Do primeiro sentido podemos citar como exemplo: Mande esse camarada *pra lateral*: ele já está participando demais da sua vida. Do segundo sentido, damos como exemplo o citado à página 131 do *Dicionário da Gíria Brasileira*, ao qual já fizemos referência: “... Crioula, a gente assim abre falência.

Mandei pra lateral: — Que nada, Nenem! Bota essa boca pra longe”. (Elza Soares, *Minha vida com Mané*, p. 120.)

Convém considerar aqui que o conhecimento dos valores de posição nesse esporte popular — o futebol — talvez prevaleça sobre a própria noção do homem acerca do espaço em si mesmo.

Sair pela tangente — a expressão aparece, em sentido figurado, com o valor de “esquivar-se”. Citamos o exemplo do *Dicionário da Gíria Brasileira*, à p. 178: “... — Estou te achando estranho. Algum problema? Silvío *sai pela tangente*:

— Sei lá...” (Antônio Contente, *Última Hora*, S.P., 24/12/69, p. 14).

Significando “tangente” a linha que toca outra linha ou superfície num só ponto, a percepção desse leve contato faz com que o homem use a expressão *sair pela tangente* como quem se apoia nessa linha, nesse ponto, para poder, tão sutilmente quanto a própria tangente, escapar-se de uma certa situação, de um certo comprometimento.

Com julgamentos associados a valores respectivamente positivos e negativos do que está dentro e fora, manifesta o falante expressões lingüísticas como: *dar uma dentro*, *dar um fora*, *estar por dentro*, *estar por fora*, *mandar pra dentro*, *sumir do mapa*... Embora variem aqui as bases significativas verbais, a lexia espacial é sempre a mesma.

Dar uma dentro — esta locução, assim estruturada, tem significado figurado e quer dizer “agir com acerto”. Ex.: “... Definitivamente os editores deste jornal não *dão uma dentro*.” (Marc. Fern., *O Pasquim*, ... 29/09/70, p. 31, apud Silva, p. 65).

Dar um fora — em oposição à expressão anterior, temos dar um fora, insinuando: “desfazer um compromisso amoroso”, ou ainda “pronunciar coisas inconvenientes à situação”, como nos exemplos: Jorge *deu um fora* comentadíssimo na noiva; Puxa, mas você ontem me envergonhou, com os *foras que deu* na reunião!

Estar por dentro — o valor primeiro, referencial, desta expressão denota um ser localizado no interior de outro. Ex.: O recheio *está por dentro* do bolo; A seiva *está por dentro* dos ramos. O sentido segundo, figurado, conota “estar a par de uma situação, estar atualizado.” Ex.: “Vi um documentário sobre isso: *estou por dentro*.” (Paulo Mendes Campos, *Manchete*, 27/09/69, p. 134, apud *Dicionário da Gíria Brasileira*, p. 91). A interiorização de um elemento fá-lo parte intrínseca do corpo em que penetra, enriquece-o.

Estar por fora — A expressão designa o “encontrar-se um ser na parte externa de um outro ser, tomado como ponto de referência”. Ex.: A camisa *estava por fora* das calças. Em sentido figurado, porém, *estar por fora* ganha o significado de “estar desatualizado”, ignorar determinado assunto ou situação.” Ex.: Aquele médico está *por fora* do progresso da Medicina.

Mandar pra dentro — no exemplo: A mãe mandou o filho *pra dentro*, quer dizer que a mãe ordenou ao filho que entrasse, que se interiorizasse na casa. Na frase “... Falando Boa Vista, o agente César J. Paiva mandou o traficante José Gonçalves da Silva *pra dentro*, com dez pacaus.” (in Ramão Gomes Portão, *Notícias Populares*, S. Paulo, 29/01/70, p. 11, apud *Dicionário da Gíria Brasileira*, p. 131) — o sentido da expressão é “prender”. E “prender” está ligado a “interiorizar em cela”. Tanto para a mãe, interessada em resguardar o filho, quanto para o policial, interessado em resguardar a sociedade dos marginais, “mandar pra dentro” é assegurar esse resguardo, ainda que com perspectivas diferentes.

Também encontramos a expressão com o sentido de “engolir”, como no caso: Ele mandou o conhaque *pra dentro*, a fim de reconfortar-se.

Sair fora — a expressão, em seu sentido próprio, é pleonasma vulgar: Ele *saiu fora*,

para ver a noite — significando “dirigir-se para o exterior de um determinado local.” Em seu sentido metafórico, implica “esquivar-se de uma certa situação”, como no exemplo: Na hora do acerto de contas, Jorge *saiu fora*: disse que não se responsabilizava pela dívida, porque não autorizara certas compras.

Enquanto o espaço interior parece envolver um certo comprometimento com a família ou os superiores, com a sociedade em geral, o espaço exterior oferece uma certa liberdade e desligamento de possíveis compromissos familiares ou sociais. Isso permite que a expressão sair fora ganhe o sentido acima ilustrado.

Sumir do mapa — Se se diz: De tão antigos, os traços já estão *sumindo do mapa* — quer-se dizer: os traços “estão-se apagando”. Mas, no exemplo: “... Depois dessa — que a gente não pode e não deve contar pra ninguém — o melhor mesmo é *sumir um pouco do mapa...*” (Ramão Gomes Portão, “Eu sou o saponga”, p. 61, apud *Dicionário da Gíria Brasileira*, p. 183) — a expressão alcança o sentido de “desaparecer, evadir-se, ocultar-se, sair dos limites”. Configurando o mapa as linhas limítrofes e demarcadoras de certos espaços políticos e geográficos, sumir do mapa significa evadir-se desses limites, buscar uma certa liberdade, um certo desconhecimento de registros. É a liberdade espacial e social que se logra fora dos âmbitos de comunidade ou grupo.

Intessa-nos, porém, sobremaneira, neste estudo que fazemos, o espaço social urbano em que vive o homem. Passamos então ao exame de certas expressões que, enquanto denotam esse espaço, podem em determinados contextos, conotar uma posição social decorrente dele, ou mesmo um estado psíquico ou uma situação moral a ele associados.

O primeiro exemplo que nos vem à mente, dadas as considerações feitas sobre o posicionamento do homem enquanto ser social, é o da expressão *estar na sarjeta*. Estas palavras tanto podem significar, denotativamente, “posicionar-se no espaço que fica entre a rua e a calçada”, como, conotativamente, “encontrar-se em má situação moral ou social”. Do primeiro caso serve como exemplo: O andarilho estava ali, na sarjeta, indeciso em seguir rumo à calçada, ou rumo à rua. Do segundo caso, a frase: Pobre João, *está na sarjeta!* Dada a falência da firma e a idade que tem, dificilmente poderá refazer-se... Aqui, o que se quer dizer é que esse homem encontra-se em péssimas condições econômico-sociais. A sarjeta, entre a rua e a calçada, evoca o lugar por onde passa a água da chuva, por onde corre a enxurrada, o lugar onde atiram papéis e coisas sem mais serventia, o lugar onde ainda se atiram, desprendidos de certos valores, os bêbados e os marginais. Tal espaço serve, assim, para a significação figurada daquele que é marginalizado pela inutilidade ou desvalor. Enquanto nos blocos da calçada se firmam as famílias e as instituições sociais, devidamente asseguradas, e no espaço livre das ruas passam os homens mais desprendidos das ligações culturais, a sarjeta, entre um e outro espaço, conota a situação comprometedora daquele que, ainda ligado a princípios e preconceitos sociais, se vê tocado pela proximidade do que significa cair no desconhecido da rua, no obscurantismo a que estaria sujeito por entre a multidão, na desconsideração que cerca o marginalizado.

Há outras expressões denotadoras de espaço e conotadoras de situações sociais, algumas vezes também de envoltimentos psíquicos e éticos:

Estar em maus lençóis — embora referencialmente esta expressão seja perfeitamente compreensível como denotadora de quem se encontra em lençóis de má qualidade, absolutamente é utilizada em tal sentido. Desliza para o nível da conotação. *Estar em maus lençóis* indica a dificuldade da situação moral em que se vê aquele que não encontra solução para os problemas por que se deixou envolver. “Lençóis Paulista” evoca

espaços que dão para os fundos dos blocos residenciais, para trás dos prédios, e, pois, mais reservados e íntimos. Também convém afirmar que essas fossas têm ligação com o serviço de esgoto que passa, em geral, sob as sarjetas. Com se vê, o espaço destinado às fossas tem, por sua natureza e localização, um valor socialmente subestimado. E estar na fossa, no aspecto afetivo, também subestima o estado de espírito de quem assim se sente.

Estar no lixo — alguma coisa pode encontrar-se no depósito de lixo de um local e dela se diz: “está no lixo”. Em sentido figurado, no entanto, a expressão significa “estar no baixo meretrício”, associando-se o espaço reservado a imundícies de natureza física ao espaço destinado a “imundícies” de ordem moral.

Cair na zona — em sentido próprio, esta expressão acompanha-se geralmente de um adjetivo, como no exemplo: O avião *caiu na zona* proibida. Mas *cair na zona*, assim estruturada, ganha sentido figurado: “zona” passa a ser o perímetro urbano confinado às mulheres de vida livre, e, pois, um espaço de natureza complexa, também, uma vez que, como bloco, é algo privado ao público, próprio de todos. Em Marieta *caiu na zona*, queremos afirmar que Marieta decidiu-se por uma vida moral livre, não sujeita aos rígidos padrões morais prescritos pela sociedade.

Cair no mundo — esta expressão, em sentido próprio, pode ser usada assim, por exemplo: João *caiu no mundo* por acaso, ou seja, João veio ao mundo sem que fosse esperado, planejado, sem intencionalidades... Em sentido figurado, porém, significa “deixar-se levar a esmo, sem destino, como quem quer anular-se em meio à multidão, confundindo-se com ela”. O “mundo” seria o espaço sem limites, o contínuo, o infinito, a liberdade sem restrições.

Entrar (ou sair) pelo cano — aplicada esta forma a um ser humano qualquer, ganha sentido conotado, uma vez que esse elemento (espécie de tubo geralmente subterrâneo que permite o escoamento de líquidos ou gases ou dejetos) tanto não comporta o volume de um homem quanto não se destina a ele. *Entrar pelo cano* (ou entrar pela tubulação) significa, pois, metaforicamente, enfiar-se o homem numa situação tão difícil que não lhe seja permitido safar-se dela. O espaço, por estreito que é, relativamente ao ser humano, não lhe concede passagem, não lhe permite saídas, donde o *sair pelo cano* significa igualmente “sair-se mal”. Ex. No torneio de xadrez, Joca *entrou (ou saiu) pelo cano*.

Ficar na rua, ou ir pra rua — quanto a estas expressões, têm alta freqüência, tanto no sentido denotativo quanto no sentido conotativo. No primeiro, representam o “deixar-se estar na rua ou ir para aquele espaço contínuo e livre, descompromissado socialmente”. No segundo, podem ganhar a acepção de “ser demitido”, ou seja, de “ser o homem posto fora do lugar onde desempenhava certa função social e, pois, à margem do seu papel de elemento integrado num grupo de trabalho”. Ex. ‘Com a dispensa de empregados, João *ficou na rua* (ou *foi para a rua*).

Também pode a expressão “ir pra rua” significar “ser despejado”: Ele não pagou os aluguéis; logo, *foi pra rua*.

Como vemos, o espaço físico pode estar conotadamente ligado à situação social.

Ser da paróquia — no sentido comum, a expressão quer dizer “pertencer à comunidade religiosa de um determinado bairro ou local”; no sentido metafórico, “pertencer a um determinado grupo social, a uma certa turma com determinados comportamentos e princípios”. Como exemplo do primeiro sentido, temos: Como José *é da paróquia* de Santo Antônio, casar-se-á ali. Como exemplo do segundo sentido, temos: O Jorge? Ele não *é da paróquia*: vai estranhar nossa reação.

CONCLUSÃO

Talvez pudéssemos estender exaustivamente a relação de expressões de tal tipo. Acreditamos, porém, que é suficiente o levantamento feito. Por ele vemos que o homem relaciona estreitamente a percepção espacial que tem do mundo que o cerca com as expressões lingüísticas que utiliza para definir as maneiras como nele se situa.

Freqüentemente usadas em expressões de gíria, as locuções vistas, e mesmo alguns vocábulos, revelam o domínio lingüístico que tem a massa popular sobre a percepção espacial, sobre a maneira de ver e de sentir o mundo em que se insere.

Esse relacionamento da percepção do espaço com a sua manifestação na língua tem apoio nas afirmações feitas por Clark, no artigo citado. Para o estudioso, dotada biologicamente para observar o que a rodeia, a criança tem possibilidade de percepção espacial e essa percepção é preservada nos termos lingüísticos que naturalmente vai adquirindo e dominando. Assim mantém uma correlação entre o espaço perceptual e o espaço lingüístico. E, desenvolvendo-se, não só resguarda, como falante, essa correlação, quanto vai tecendo associações mais complexas e ricas.

MARTINS, S.J. de A. — The space and its linguistic expression. *Alfa*, São Paulo, 29:101-110, 1985.

ABSTRACT: Retaking Herbert Clark's explanations concerning the man's perception of the universe he is included, and trying to relate this perception with his linguistic manifestation, this study analyses the manner the perception of this space is performed in the Portuguese language; certain expressions, especially those indicating man's place as a social being are considered.

KEY-WORDS: Space; perception; man-social being; linguistic manifestation of the social space.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARRAIS, T.C. — Apontamentos de aulas dadas no Curso sobre Semântica Portuguesa. Araraquara, ILCSE, UNESP, 1979.
2. CLARK, H.H. — Space, Time, Semantics, and the Child. In: MOORE, T. ed. — *Cognitive development and the acquisition of language*, New York, Academic Press, 1973. p. 27-64.
3. SILVA, E.C. — *Dicionário da Gíria Brasileira*, Rio de Janeiro, Bloch Ed., 1973.